



## **Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado: da subserviência às transgressões em *Gabriela, cravo e canela***

Bruno Hatschebach<sup>1</sup>  
Aparecida Favoreto<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo lança esparsas notas preliminares sobre a literatura amadiana. Neste em particular, buscaremos a crítica do romance *Gabriela, cravo e canela* (2012); para tal, nos lançamos à tarefa de verificar as categorias em Patricio (1999), Goldman (2014) e no posfácio do referido romance, em Paes (2012). Em *Gabriela*, tomamos por objeto de análise as personagens femininas em meio aos movimentos históricos quais despontam sinais de resistência e mudanças na forma de reconfigurações do mesmo. Assim, estão as mudanças econômicas, impulsionadas pela dinâmica da exportação do cacau e das demandas do mercado externo como deslocamento das contradições, no qual verificamos também a luta pelo poder político como conservação e elevação da determinação da base. Vemos no movimento, a resistência da oligarquia fundiária perante os novos traços, esses tantos atos apresentados pelo liberalismo progressista. Buscamos no debate marxista as intersecções de classe e suas expressões ideológicas, especificamente o controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora, tateando na crítica aos valores da família mononuclear burguesa, conformada enquanto "família natural" os limites da socioreprodução do capital e do binômio de gênero.

**Palavras-chave:** família mononuclear; mulheridades; subserviência; transgressão; classe e gênero.

### **Apuntes preliminares acerca del femenino en Jorge Amado: de la subserviencia a las transgresiones en *Gabriela, clavo y canela***

### **Resumen**

El presente artículo arroja escasas notas preliminares sobre la literatura amadiana. En particular, buscaremos la crítica de la novela *Gabriela, clavo y canela* (2012); para ello, nos lanzamos a la tarea de verificar las categorías en Patricio (1999), Goldman (2014) y en el posfacio de dicha novela, en Paes (2012). En *Gabriela*, tomamos por objeto de análisis las personas femeninas en medio de los movimientos históricos que despuntan signos de resistencia y cambios en la forma de reconfiguraciones del mismo. Así, están los cambios

<sup>1</sup> Discente pesquisador da licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste – UNIOESTE campus Cascavel, atualmente desenvolve a pesquisa: Da subserviência às transgressões: uma análise histórica da obra de Jorge Amado, vinculada ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

<sup>2</sup> Pesquisadora e professora do Mestrado em Educação e da licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Cascavel. Graduada em História (UEM), Mestre em Educação (UEM), Doutora em Educação (UFPR). Membro e Líder do Grupo de Pesquisa História e Historiografia na Educação. Desenvolve pesquisa no campo da História da Educação brasileira.

econômicos, impulsionados por la dinámica de la exportación del cacao y de las demandas del mercado externo como desplazamiento de las contradicciones, en el que verificamos también la lucha por el poder político como conservación y elevación de la determinación de la base. Vemos en el movimiento, la resistencia de la oligarquía agraria ante los nuevos rasgos, esos tantos actos presentados por el liberalismo progresista. Buscamos en el debate marxista las intersecciones de clase y sus expresiones ideo-políticas, específicamente el control estructural de los medios y modos de vida de la clase trabajadora, tanteando en la crítica a los valores de la familia mononuclear burguesa, conformada como "familia natural" socioreproducción del capital y del binomio de género.

**Palabras clave:** familia mononuclear; las mujeres; Subsidio; transgresión; clase y género.

### **Preliminary notes about the feminine in Jorge Amado's *Gabriela, cravo e canela*: from subservience to transgressions**

#### **Summary**

This paper propouses sparse preliminary notes on the amadian literature. In particular, we seek a critique of the novel *Gabriela, cravo e canela* (2012); for this, in the postings by category in Patricio (1999), Goldman (2014) and in the postface of that novel, in Paes (2012). In *Gabriela*, we take as object of analysis the female characters in the midst of historical movements which show signs of resistance and changes in the form of reconfigurations of the same. Thus, they are like economic changes, driven by the dynamics of the export and the demands of the external market as displacement of contradictions, without qualification are also a struggle for the political power like conservation and elevation of the determination of the base. We see in the movement, the resistance of diversion, so many new attributes by progressive liberalism. We seek in the Marxist debate as class intersections and their ideo-political expressions, specifically the structural control of the forms and ways of life of the working class, groping in the critique of the values of the bourgeois mononuclear family, conformed as "natural family" the limits of the socioreproduction of the capital and the gender binomial.

**Keywords:** natural family; women studies; subservience; transgression; class & gender.

#### **Introdução**

*Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* (2012), romance de costumes escrito por Jorge Amado (1912 – 2001) narra o drama sertanejo da migrante Gabriela, que chega ao “mercado de escravos” após a morte do seu tio na travessia. Como *Anna Kariênina* (TOLSTÓI 2013) nos trópicos, o mote é o drama feminino diante da moralidade vigente. Ao chegar em Ilhéus, Gabriela logo é encontrada em pó por Nacib, dono do Bar Vesúvio.

A obra apresenta dois grandes eixos narrativos: um econômico e político e o outro, ético e cultural (PAES 2012). O primeiro, na resistência conservadora da oligarquia fundiária dos coronéis diante do liberalismo progressista, relação política marcada pela dinâmica da

exportação do cacau e das demandas do mercado externo. O segundo, pela subserviência e transgressões das personagens femininas na Cidade de Ilhéus, dinâmica de rupturas e continuidades dos valores morais no interior da família mononuclear burguesa.

Em *Gabriela*, as personagens femininas se põem para além do claustro da perspectiva privada das janelas do lar, romance no qual as personagens escrevem ativamente enquanto protagonistas de seus dramas, narrando as relações da família mononuclear burguesa, qual configura a base do binômio de gênero. Entrecruzando o contexto das personagens femininas, as figuras do Coronel Ramiro Bastos e do forasteiro Mundinho Falcão, o autor expõe uma disputa pelo poder político na Ilhéus na década de 1920, na qual ao “invés de tiros, discursos” (AMADO 2012, p. 130), mas que pretere as mulheres, enquanto as mantém sob o domínio masculino.

Neste jogo de forças, outro aspecto notável na obra é como a narrativa do drama particular da personagem Gabriela lança tendências ao desenvolvimento global da narrativa e antevê tendências. Primeiro como cozinheira e manceba, e, posteriormente, Nacib a desposa por flor selvagem num jarro de prata (AMADO, 2012, p. 210). Gabriela exerce em transcendência sublime os postos de trabalhadora assalariada no Vesúvio, onde é agraciada e desejada pelos homens que o frequentam, incidindo aliás, no aumento dos pedidos e da frequência, e, ao desenlace do enredo.

De outra posição, comparece Mundinho Falcão, forasteiro e progressista liberal, que conta com o apoio de forças políticas da esfera federal, que entra em debate político com Coronel Ramiro Bastos, que reage negativamente diante do progresso econômico e cultural da cidade, buscando por meio da conservação do coronelismo na região cacauzeira, com apoio da esfera estadual.

### **Do enredo às mulheridades<sup>3</sup>**

Amado (2012, p. 09) ao descrever Ilhéus, aponta uma cidade em movimento com a chegada e partida de pessoas entusiasmadas com o progresso produtivo, “a estação das chuvas tanto se prolongara além do normal” (AMADO, 2012, p. 15). Também mostra que havia um

<sup>3</sup>Sobre a temática, KEHL (1992) critica o determinismo anatômico de Freud. Para ela, tal perspectiva expõe um destino anatômico para a mulher, a qual se estrutura em seu psíquico, de modo que à mulher era impossibilitada a interface privado/público. No determinismo, a maternidade é entendida como compulsória, a friidez como natural e a histeria como própria e expressão do feminino. Para Kehl, tais pressupostos biologizantes são falsos e expressam uma visão ideológica histórica particular da sociedade vitoriana. Sobre a temática, é possível destacar que em *Gabriela*, a abjetificação se coloca para as mulheres que transgridem as normas. Compreendemos a apologetica freudiana a partir da ótica marxiana, que expressa que a divisão sexual do trabalho está fundada na divisão social do trabalho.

clima de novidades na política, principalmente o crescimento do pensamento liberal que discursava anunciando os direitos de liberdade e igualdade entre os cidadãos. Porém, descreve uma Ilhéus com o "eco dos últimos tiros trocados nas lutas pela conquista da terra, mas daqueles anos heroicos ficara um gosto de sangue derramado no sangue dos ilheense" (AMADO, 2012, p. 10).

Quanto aos escrúpulos, não foi com eles que progrediram as cidades do sul da Bahia, que se rasgaram as estradas, plantaram-se as fazendas, criou-se o comércio, construiu-se o porto, elevaram-se edifícios, fundaram-se jornais, exportou-se cacau para o mundo inteiro. Foi com tiros e tocais, com falsas escrituras e medições inventadas, com mortes e crimes, com jagunços e aventureiros, com prostitutas e jogadores, com sangue e coragem (AMADO, 2012, p. 39).

No embate entre o novo e o passado político no interior da Bahia, a cidade assiste o desenrolar de vidas privadas que, arraigadas à tradição, tensionam criar novas contingências e possibilidades. Deste modo, Paes (2012, p. 323) destaca que: “De um lado, a clave do coletivo, que rege, na história de Ilhéus, o confronto dramático entre o coronel e o exportador, ou, o que dá no mesmo, entre a tradição e a inovação. De outro lado, a clave do pessoal, em cuja pauta se inscreve o idílio entre Nacib e Gabriela”.

Nesse movimento, Amado primeiro narra o assassinato de D. Sinhazinha por seu marido e partir deste, os dramas vividos por outras tantas mulheres, que na luta pela sobrevivência, transgridem alguns costumes, os quais impunham à mulher uma vida limitada ao lar e afastada dos prazeres da vida mundana.

Personagens que subscrevem a transformação das relações sociais, ainda que resguardando o conteúdo da mútua indiferença e da reciprocidade sob bases mercantis. Dito de outro modo, o conjunto das relações sociais se coloca enquanto intercâmbio entre mercadorias, base material para a realização da produção capitalista, porém, circunscritas nas relações familiares de afeto livre individuado, o qual repousa nas bases das leis tendenciais da acumulação de capital<sup>4</sup>. Goldman (2014, p. 35), referindo-se aos direitos das mulheres em meados do século XVII, grifa que “O reconhecimento estreito dos direitos das mulheres estava ancorado na nova ideia religiosa acerca da relação sem mediação de cada indivíduo com Deus”.

4 “Se examinarmos a troca entre capital e trabalho, descobrimos que ela se divide em dois processos distintos, não apenas formalmente, mas também qualitativamente e mesmo se opõem: 1) O trabalhador troca sua mercadoria, o trabalho, que tem um valor de uso, e que, enquanto mercadoria, tem também um preço como todas as mercadorias, por uma soma determinada de valores de troca, determinada soma em dinheiro cedido pelo capital. 2) O capitalista obtém em troca o trabalho mesmo, o trabalho enquanto atividade que põe o valor, enquanto trabalho produtivo; isto é, recebe em troca a força produtiva que conserva e multiplica o capital tornando-se por isso mesmo a força produtiva e reprodutiva do capital, força pertencente ao capital mesmo” (MARX *apud* ALVES, 1999, p. 125-126).

Em particular, no romance em análise, irrompendo em tons e nuances, surgem as personagens que apresentam o desenvolvimento cultural por meio da transgressão das mulheridades. Gabriela, que, sem precisar casar, que sem precisar amar, faz amor por desejo; Malvina que recusa o poder pátrio e a imposição do desejo masculino em sua performatividade (AMADO, 2012, p. 196); Glória, que recusa o amor monogâmico do coronel que a colocava casa e conta paga em loja de teúda e manteúda pelo amor do professor em versos (AMADO, 2012, p. 298). No caso, relacionamentos que subscrevem a esfera individual, qual “[...] nele, a antítese povo x burguesia, quando presente, assume mais o caráter de um confronto de valores éticos e culturais do que uma oposição política tipo explorados x exploradores” (PAES, 2012. p. 327).

Naquele contexto, para a classe burguesa, a família “natural” se põe enquanto limite de realização da mulher na vida privada, lhes sendo vedadas mesmo a educação e literatura. Sobre a questão, Goldman (2014, p. 39), apontando o limite do feminismo na Revolução Francesa escreve: “As expressões limitadas de feminismo contidas na Revolução Francesa demonstraram que as demandas pela emancipação da mulher não poderiam ser realizadas enquanto o lar desempenhasse um papel central na produção”.

Ainda acerca dos limites jurídico-políticos da mulher na interface privado/público na modernidade, o modo de produção capitalista requer o trabalho assalariado feminino:

[...] à medida que o capitalismo começou a transformar as relações domésticas, e as mulheres começaram a ingressar na força de trabalho, movimentos da classe trabalhadora se viram forçados a lidar com os novos papéis das mulheres como assalariadas independentes. (GOLDMAN, 2014, p. 42)

Nas tensões entre a lei geral de acumulação capitalista e a divisão sexual do trabalho e, a entrada da mulher como força de trabalho capitalista, observa-se a luta por reproduzir o patriarcalismo<sup>5</sup>.

Neste aspecto, Goldman nos aponta ainda uma crítica marxiana sobre as bases da família mononuclear, que posta sob as bases individuadas, reproduz os valores da mercadoria. Neste sentido, para ela, a luta feminista necessitaria resgatar a crítica da função histórica da ruptura com o matriarcado. Acerca do papel da luta socialista no debate feminista no início do século XX, assevera Goldman:

<sup>5</sup>Nessa ótica conservadora cabem às mulheres “de família”, fundamentalmente, os encargos domésticos, a educação dos filhos e a prática religiosa. Enquanto isso, aos homens reservam-se as atividades ligadas ao exercício do poder e da vida pública em geral (PATRICIO, 1999, p. 22).

A monogamia para as mulheres substituiu a família de casais flexíveis. O homem assumiu o controle da casa e 'a mulher foi degradada e reduzida à servidão'. A família patriarcal substituiu o lar comunal de irmãs. [...] Focando a transição da economia agrária para a industrial, Zetkin explorou as mudanças nos papéis das mulheres com a expansão da produção de mercadorias. Argumentava que em uma sociedade pré-capitalista, as mulheres eram 'uma força produtiva extraordinária', que produzia todos ou quase todos os bens necessários para a família. A transição para a produção mecânica e a indústria em grande escala tornou a atividade da mulher dentro da família supérflua, uma vez que a indústria moderna produz bens de maneira mais rápida e barata. À medida que a produção de bens dentro do lar se tornou crescentemente desnecessária, a atividade doméstica das mulheres perdeu sua função e significado. Isso criou uma nova contradição entre a necessidade das mulheres em participar da vida pública e sua impossibilidade legal de fazê-lo. A própria existência de uma 'questão da mulher' encontrava sua premissa nessa contradição. [...] O esforço de anos de Zetkin em prol das mulheres trabalhadoras recebeu reconhecimento internacional em 1907 no Congresso da Segunda Internacional. A primeira Conferência Internacional das Mulheres Socialistas teve lugar no mesmo momento, e a Internacional das Mulheres Socialistas ratificou o princípio do direito da mulher ao trabalho, a criação de organização especiais de mulheres dentro de todos os partidos socialistas e uma posição a favor da organização ativa em prol do sufrágio feminino. [...] uma estratégia oficial para a libertação plena da mulher, nos sentidos político, econômico e social (GOLDMAN, 2014, p. 59 – 63).

No contexto sócio-econômico de Ilhéus na década de 1920, delineiam-se a ruptura e a continuidade com os valores da família “natural” no processo de desenvolvimento do capital no Brasil. Neste sentido, embora possamos imputar “[...] ao patriarcalismo as atribuições e preconceitos relativos à mulher existentes na sociedade” (PATRICIO, 1999, p. 21), a subserviência e as transgressões afiguram no interior do desenvolvimento contraditório da barbárie civilizatória capitalista<sup>6</sup>. Noutros termos, como base em Nobre (2005, p. 07-8), destaca-se que o capital requer o trabalho assalariado feminino, onde: "O mercado se apropria de elementos tradicionais da construção do gênero feminino, como sua identidade relacionada ao outro num movimento permanente de tentar agradá-lo, a maternidade e a prostituição." (NOBRE 2005, p. 07 – 08).

### **A lama dissolvente**

A lógica patriarcal subjuga e oprime a mulher, lhe sendo possível neste momento a vida pública apenas por mediação da figura masculina. Para a mulher “de respeito”, o

6 [...] trata apenas de dar aos proletários um pouco de pão e educação, como se somente os trabalhadores definhassem sob as atuais condições sociais, ao passo que, para o restante da sociedade, o mundo tal como existe fosse o melhor dos mundos (MARX, 2012, p. 22).

casamento, a prole, cama e mesa postas. Assim, no embate moral sobre o assassinato de Sinhazinha e Osmundo, Amado (2012, p. 94) assinala o conservadorismo da moral na voz de Maurício Caires: “A esse progresso, eu chamo de imoralidade” (AMADO, 2012, p. 94.).

E como imposição biologizante do corpo da mulher, sua designação "natural" enquanto reprodução da força de trabalho lhe encarrega de dupla jornada de trabalho:

A ideologia de reforço à maternidade biológica se converte em ataques ao direito das mulheres de decidirem sobre contracepção. [...] Segundo estimativas do Ministério da Saúde, acontecem no Brasil cerca de 800 mil abortos por ano, e cerca de 250 mil mulheres são internadas em hospitais públicos em decorrência de seqüelas de abortos realizados em condições precárias e com práticas arriscadas. (NOBRE, 2005, p. 10 – 11)

No interior do ascenso do liberalismo progressista, eclode uma nova forma de subjugação do feminino, deslocando contradições postas na norma grapiuna para a liberal burguesa. Entretanto, isto não fere de morte a divisão sexual do trabalho, nem o consonante papel da mulher no trabalho doméstico e na criação dos filhos, indispensáveis à reprodução societal. Trata-se apenas de uma reorganização político-social que busca atender as mudanças econômicas que passava o Brasil naquele contexto.

Na obra, enquanto Amado descreve a mulher assumindo atuação fora do lar, ele pontua uma mulher que assume o papel coadjuvante na ordem política<sup>7</sup>, visto que se trata de uma ação planejada pelos “chefes” da família. Desta forma, na disputa pelo poder político em Ilhéus, coronel Altino Brandão propõe a conciliação dos rivais Bastos e Mundinho Falcão por intercessão do casamento de Jerusa, neta do coronel com o forasteiro. O arranjo matrimonial haveria de ser a conveniência de coalisão entre a oligarquia fundiária e o liberalismo progressista, expondo assim, um mudança orquestrada na política, enquanto a mulher continua servindo aos interesses da família.

Pensando no contexto ilheense, parecem surgir novos valores. Entretanto, são apenas atualizações de velhos costumes. Revelando a continuidade da subserviência feminina, limitada ao interior da família mononuclear, em que a mulher cuidadora do lar e reprodutora é também um “bem de troca” para a satisfação dos desejos e necessidades masculinas. Por intermédio da misoginia, a mulher é preterida na dinâmica social e, desta forma, os proprietários fundiários mantinham em Ilhéus suas raparigas e prostitutas para exaltação da virilidade:

7 [...] Trata-se, no entanto, neste caso, de relações entre homens através de mulheres que desempenham nelas um papel meramente passivo de troca (STROZEMBERG *apud* PATRICIO, 1999, p. 23).



A virilidade tanto mais será valorizada quanto mais for exercitada, num número maior possível de relações. Já a moça de família deve guardar-se virgem e “virtuosa” para o casamento, depois do qual será a esposa e mãe, para quem a sexualidade terá função apenas procriadora. (PATRICIO, 1999, p 32)

Por outro lado, a mulher valorizada na moral familiar, era a recatada, ou seja, a que não se deixava levar pelos desejos sexuais. Neste sentido, a repressão sexual feminina era traduzida na forma de biologização da sexualidade. Sendo naturalizado na esposa a maternidade, a assomando a monogamia afetiva e sexual e a submissão ao “chefe” da casa. Por outro lado, na via marginal, encontra-se a prostituta, que não está sujeita às tarefas domésticas e a criação dos filhos, ao passo que:

Ao contrário do que esperam das mulheres “de família”, que devem ser alheias ao prazer, os homens valorizam na prostituta a experiência e capacidade de lhes satisfazerem sexualmente. Como afirma Llan Strozemberg, é nas relações extraconjugais “que se concentra o prazer sexual masculino. No interior do casamento, relação de necessidade, a natureza sexual da mulher só é enfatizada no seu aspecto reprodutor, isto é, da maternidade.” (PATRICIO, 1999, p. 43)

Apesar de suas diferenças, esposa e amantes assumem um papel passivo na conquista e na atividade sexual. Nesta subserviência, o espaço social atribuído à mulher, reproduz a ideologia do mando e da subordinação. Conforme Patrício (1999, p. 33): “Assim, inseridas nessa ordem, as ‘raparigas’<sup>8</sup> e prostitutas, participam da engrenagem ideológica que estabelece duas categorias de mulheres: a mulher para o casamento (esposa ideal) e a mulher para o prazer sexual (amante ideal)”.

Na relação de dominação entre os gêneros, a rapariga, quando transgrede a ordem de seu protetor, é imediatamente castigada, sem haver nenhum estranhamento por parte da população. Sobre a questão, Patrício (1999, p. 36-37) destaca:

As transgressões da “rapariga” têm um tratamento diferente do que é dispensado às transgressões da esposa. As desobediências e desentendimentos são resolvidos pelo homem, geralmente utilizando o espancamento como forma de controlar a parceira. [...] reafirma-se a situação de dependência econômica e de submissão da mulher diante do comportamento e dos maltratos físicos e psicológicos que lhes são impostos pelo parceiro. (PATRICIO, 1999, p. 36 – 37)

A casa do Bataclam distingue-se da relação de concubinato das raparigas. A

8 Segundo Patrício (1999, p. 34), a “‘rapariga’ pode ser uma jovem trazida das roças ou uma ex-prostituta, que passa a ser a “protegida” de um determinado coronel, com direito a casa posta, conta aberta nas lojas e uma empregada para os serviços domésticos e para lhe servir de companhia. [...] Já a prostituta é a mulher que *vende* seus serviços sexuais a homens indistintos, em ambientes determinados”.



prostituição encontra-se circunscrita ao prazer sexual dos proprietários fundiários, onde a cafetina, Maria Machado está para a ótica masculina como figura tradicional de Ilhéus, respeitável, maternal e digna de confiança.

Também a prostituição expressa os conflitos de classe: no Bataclam encontram-se as prostitutas que “[...] aliam juventude à experiência e aos cuidados com a aparência. Elas se enquadram no tipo de prostituta preferida pelos coronéis e demais homens socialmente bem situados” (PATRICIO, 1999, p. 44). Enquanto isto, aos trabalhadores da roça e aos jagunços, são reservadas as prostitutas consideradas de baixo nível, conforme Patrício (1999, p. 45) “agrupam-se em casas pobres da periferia, onde funciona o baixo meretrício. Nesses bordéis, encontram-se as prostitutas envelhecidas e decadentes e as principiantes”. Fato que, a autora destaca como sendo resultado das diferenças de categorias, as quais correspondem a um maior ou menor grau de abjetificação.

A conformação do espaço subserviente da esposa na família impõe os “sapatos apertados”, o pássaro a “chilrear lúgubre”, melancolia sublime da imagética da degradação corpórea e espiritual do feminino em seu restrito âmbito privado. Enquanto projeto de futuras boas esposas, as filhas “de família” tendencialmente resignavam-se “[...] às imposições da sociedade e do marido” (PATRICIO, 1999, p. 48). A submissão e a subserviência das esposas dos proprietários duplicam-se na imposição do papel das filhas.

Nesta forma de educação feminina, a literatura, o pensamento crítico, a política e o debate público eram vedados moralmente. A interdição era considerada necessária para conservar os valores, evitando os possíveis “descaminhos”. Neste aspecto, a narrativa de Amado, por intermédio do coronel Ramiro Bastos expressa que a moça solteira deve dedicar seu tempo livre ao desenvolvimento do trato privado, para agrado do futuro marido.

Sendo assim, à mulher destinava-se a tríade da criação dos filhos, do espaço da cozinha e da religiosidade, sendo vedada a autodeterminação, senão pelas alternativas marginais<sup>9</sup>, ficando latente o caráter de conservação da ordem e do status quo.

Malvina é filha de Melk Tavares, herdeira da maior fortuna da cidade de Ilhéus. Embora descendente de uma família abastada, a ela não era permitido planejar seu futuro, ter autonomia de estudos e de leitura. Em seus passos, para além da interdição da interface pública, a censura de seus afetos, primeiro com o professor Josué, depois seus flertes com o forasteiro Mundinho Falcão e posteriormente seu envolvimento afetivo com Dr. Rômulo, engenheiro de dragagem das barras do porto, evidenciando para nossa transgressora os limites

9 O trabalho doméstico nas casas de família, a prostituição ou a fuga para os grandes centros.

materiais no qual sua individualidade era possível em Ilhéus:

[...] as únicas possibilidades de fugir ao destino da mulher ‘de família’: manter-se solteira ou tornar-se adúltera. Na primeira opção, através do recato e da prática religiosa, a mulher pode ainda manter-se integrada ao plano da ordem, ocupando um espaço social determinado. Na segunda opção, dá-se a ruptura total através da transgressão máxima, passível de punição fatal. No limite, dentro dos valores tradicionais, não há alternativa realmente viável para a mulher. Ou integra-se à ordem ou sofre suas sanções (PATRICIO, 1999, p. 52).

A ruptura de Malvina denota o grau de desenvolvimento civilizatório da cidade de Ilhéus enquanto apêndice econômico, em contradição patente com a latência das mudanças, quais são “[...] expressas no fato de os forasteiros que lhe andam pelas ruas se entontecerem com “o perfume das amêndoas do cacau seco, tão forte” (PAES, 2012, p. 324), mudanças que ocorrem durante o romance e, “[...] as limitações das mudanças sociais que ocorriam na cidade, situadas num patamar ainda insuficiente para possibilitar a libertação da mulher das amarras dos valores patriarcais” (PATRICIO, 1999, p. 53). No dilema dos rochedos, Malvina almeja escapar das imposições do pai, questionando-se: “Por que partir pela mão de alguém, presa a um compromisso, a dívida tão grande? Por que não partir com seus pés, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia. Não pela porta da morte, queria viver e ardentemente, livre como o mar sem limites (AMADO, 2012, p. 199)”. Assim, Malvina decide:

[...] deixa para trás a família, a herança, o provável casamento com um homem de igual condição social, abandonando todos os valores e preconceitos da sociedade provinciana. Enfim, rompe com o ciclo ‘natural’ da condição feminina naquela sociedade, escolhendo para si outras possibilidades e condições de vida como mulher trabalhadora na metrópole paulistana (PATRICIO, 1999, p. 53).

Demonstrando o particularismo do caráter local do status patriarcal na sociedade oligárquica ilheense:

Malvina foge do colégio interno em Salvador **[qual é submetida pelo pai, depois do enlace afetivo com o engenheiro]** e vai para São Paulo trabalhar e estudar por conta própria. No episódio, entrecruzam-se o coletivo e o individual na medida em que o gesto de independência de Malvina fora precipitado pelo mesmo engenheiro que, trazido a Ilhéus para dragar o porto, por interferência de Mundinho Falcão junto ao governo federal, desferiu com isso um golpe mortal na hegemonia dos coronéis, prestigiados pelo governo estadual enquanto este pôde usufruir o privilégio de exportar-lhes todo o cacau pelo porto da capital do estado. O escândalo causado pelo assassinato de Sinhazinha e seu amante, pelo marido enganado, evidencia, por outro lado, que o código moral dos coronéis já não era tão tacitamente aceito como antes, e isso se confirma no final do romance, quando o processo contra o matador, movido pelas famílias das vítimas, tem por desfecho a sua

condenação – um fato até então inédito nos fastos jurídicos de Ilhéus (PAES, 2012, p. 325-326. Grifo nosso).

A vigilância e o controle repressivo da afetividade feminina encontram sua extrema ratio na lei cruel (AMADO, 2012, p. 86): o adultério punido, qual toma a lavar com sangue a honra maculada do opressor:

Lei antiga, vinha dos primeiros tempos do cacau, não estava no papel, não constava do código, era no entanto a mais válida das leis e o júri, reunido para decidir a sorte do matador, a confirmava unanimemente, cada vez, como a impô-la sobre a lei escrita mandando condenar quem matava seu semelhante (AMADO, 2012, p. 87 - 88).

A moralidade vigente na sociedade ilheense subsume mesmo a legalidade jurídico-política do Estado:

[...] a prática do adultério, que era perfeitamente aceitável e até estimulada no âmbito masculino, é totalmente condenada e punida no âmbito feminino. Segundo o código moral vigente naquela sociedade, à mulher adúltera cabia a pena de “lei cruel”, ou seja, a morte inapelável pelas mãos do marido, como explicita o narrador em subcapítulo intitulado 'Da lei cruel'. [...] Através desse moralismo hipócrita, os conservadores procuravam reforçar seu controle sobre o universo feminino, ao passo que não abriam mão de seus privilégios, como frequentar os cabarés e ter amantes de casa posta (PATRICIO, 1999, p. 56).

O adultério de D. Sinhazinha evidencia o debate político acerca da monogamia feminina enquanto epifenômeno diante das mudanças culturais vivenciadas na Ilhéus da década de 1920. As "depravadas meias pretas" (AMADO, 2012, p. 91) são moralmente condenáveis, mulher é mercadoria de propriedade masculina e isto a alija de suas necessidades, afetos e desejo.

Pacto tácito, a especificidade da misoginia reside no rebaixamento da condição da mulher, seja este posicionamento defendido pela honra manchada da masculinidade, qual culpa recai na mulher por meio dos valores conservadores naturalizados, seja na concepção judaico-cristã, onde o discurso de João Fulgêncio insere-se nesses contornos: “Mulher é tentação, é o diabo, vira a cabeça da gente” (AMADO, 2012, p. 93). Ou por meio da identidade familiar de corte naturalista, que justifica para os homens a traição da mulher pelo sangue que lhe corre pelas veias, por herança (PATRICIO, 1999, p. 58). Neste sentido, a moralidade predominante justifica o assassinato: "Dr. Maurício parecia já sentir-se no júri: – Fez o que faria qualquer um de nós, num caso desses. Obrou como homem de bem: não nasceu pra cabrão e só uma forma de arrancar os chifres, a que ele utilizou (AMADO, 2012, p. 92).

Desta forma, o pensamento masculino hegemônico extirpa de si a culpa, relacionando premissas argumentativas sustentadas na dominação de gêneros, a qual reproduz o domínio do chefe econômico sobre os despossuídos. Nesta lógica de dominação moral e econômica, no geral, as mulheres reproduzem a opinião vigente na ordem, caladas ou endossando a condenação de Sinhazinha (PATRICIO, 1999, p. 62), afinal era notória e pública a sentença, qual:

Sinhazinha rompeu com o modelo tradicional da esposa. Transgrediu frontalmente as normas vigentes na sociedade ilheense. Sob os símiles de “pecadora”, “bacante”, “sem-vergonha”, “diabo”, recebe da sociedade uma dupla punição: a morte e a execração pública. O duplo assassinato passa ao plano simbólico como um exemplo da mulher adúltera que é punida juntamente com seu amante (PATRICIO, 1999, p. 62).

Deste modo, junto à posição de coronel Jesuíno Mendonça, marido traído, somam-se as posições da masculinidade hegemônica no silêncio proferido por aqueles que não ousam erguer-se diante dos valores que levaram ao assassinato de D. Sinhazinha e seu amante. Cotejando a reação do coronel traído, o narrador nos apresenta a reação de Dr. Felismino, que traído, não mata a esposa, mas a entrega ao amante. Porém, ao não cumprir com a norma, lhes afiguram termos pejorativos e aos poucos vai perdendo sua clientela.

Em que pese à hegemonia masculina no contexto, Amado, no desfecho de sua obra, aponta algumas mudanças. Desta forma, “Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante.” (AMADO, 2012, p. 321). De nossa parte, destacamos que tais mudanças não significam um rompimento com a ordem anterior, mas apenas um reajuste social. A submissão feminina continua preservada no julgamento moral, na responsabilidade do cuidado da casa e da educação dos filhos, constituindo a dupla jornada de trabalho que caracteriza o trabalho feminino no Brasil, durante todo o século XX.

### **O trinado do sofrê**

No romance de Amado observamos diversas formas de sofrimento feminino, as quais são punidas diante das transgressões morais. Por outro lado, a figura de Gabriela se destaca, ao se apresentar afeta à vida, desapegada aos valores morais e ao dinheiro. Gabriela não foi educada nos valores das famílias provincianas, desta forma, não se prende aos valores da família mononuclear, tanto que Nacib refletindo sobre a possibilidade de casar-se, questiona-se “[...] como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada

no 'mercado dos escravos'? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recatada virgindade” (AMADO, 2012, p. 180).

Como personagem, Gabriela é expressão da rosa do povo, mulher trabalhadora sendo em particular, discernida pelos demais como bela e honrada, de modo que João Fulgêncio categoriza sua personalidade por nobre e empático coração; o mesmo alertara Nacib acerca dos efeitos colaterais do seu cerceamento na relação afetiva e sexual com Gabriela.

Apesar de Gabriela não se adequar aos preceitos da “moça para casar”, Nacib e Tonico Bastos preparam os papéis e o “juiz os declarou casados: Nacib Ashcar Saad, de trinta e três anos, comerciante, nascido em Ferradas, registrado em Itabuna; Gabriela da Silva, de vinte e um anos, de prendas domésticas, nascida em Ilhéus, ali registrada” (AMADO, 2012, p. 211).

Entretanto, na vivência conjugal, Nacib movido por ideal de esposa, tenta forjar em Gabriela os mesmos costumes e valores da sociedade ilheense. No entanto, Gabriela não conseguia ficar presa aos valores da família mononuclear. No interior de sapatos apertados e triste trinado; a despeito destes, Gabriela é flor do povo que refrata a crítica social do século XX acerca do casamento monogâmico e de suas implicações para a mulher.

Nacib de outro lado, contorna a situação pela negação subsunção da lei cruel, sendo sua honra preservada sem que este fosse matar Gabriela. Gabriela, pela sua pertença a si, destitui o pássaro de sua gaiola. Desta forma, o narrador, pela figura do pássaro preso na gaiola, expressa o sentimento de Gabriela sobre sua vida conjugal:

Canto tão triste, seu Nacib tão triste! Não queria ofendê-lo, tomaria cuidado. Não queria magoá-lo, diria que o pássaro tinha fugido. Foi pro quintal, abriu a gaiola em frente à goiabeira. O gato dormia. Voou o sofrê, num galho pousou, para ela cantou. Que trinado mais claro e mais alegre! Gabriela sorriu. O gato acordou (AMADO, 2012, p. 184).

Gabriela solta da gaiola que a fora entregue por Nacib. O pássaro, expressão do trinado acento singular da personalidade de Gabriela, com cheiro de cravo nos cabelos: “[...] A analogia entre o desejo de liberdade do pássaro e o ideal de vida de Gabriela remete a uma reflexão posterior acerca do confinamento determinado por Nacib” (PATRICIO, 1999, p. 114). Desta forma, Gabriela também não consegue manter-se na forma comportamental impressa pelo árabe. Em sua individualidade, Gabriela cravo de Ilhéus, admoestado o pó, sobe cheiro de canela:

Gabriela descalçou os sapatos, correu para a frente, arrancou o estandarte das mãos de Miquelina. Seu corpo rodou, suas ancas partiram, seus pés libertados a dança criaram. O terno marchava, a cunhada exclamou: “Oh!”. [...] Na frente Gabriela, o estandarte na mão (AMADO, 2012, p. 272).

Na vida conjugal, aparece o simpático vilão Tônico, hediondo, sempre interessado por mulheres casadas, tornando-se cliente assíduo no Bar Vesúvio e confidente de Nacib. Neste caminho é conflagrado o adultério da Sra. Saad, seguida pela anulação do casamento que se faz por uma justificativa do campo jurídico. Contornando a situação, Nacib não necessita lavar sua honra com sangue, “Era uma boa lição... – refletiu Nacib. – Voltar de cozinheira depois de ter sido a dona...” (AMADO, 2012 p. 312):

Recompõe a 'honra' de Nacib, que passa a ser visto como vítima [e **Gabriela**] como autora da farsa da qual, na verdade, fora vítima. Assim, independentemente das diferenças políticas, os homens agem em bloco, no sentido de preservar sua imagem e seus interesses. Nessa ótica, não houve casamento, nem 'traição de esposa', punível com a pena de morte, mas sim 'traição de rapariga', punível com apenas uma surra, o que Nacib já fizera (PATRICIO, 1999, p. 128–129. Grifo nosso).

O encaminhamento do autor é derredor, de irônica e cômica, e desvelando de Sra. Saad sua singularidade enquanto personagem e personalidade, no interior do desenvolvimento do romance ela se põe como indecifrável ao olhar masculino. Nacib, Liberto de São Cornélio por meio da nulidade do casamento por erro essencial de pessoa, Nacib é tido por “homem de bem” pelo silenciamento do julgo moral em Ilhéus, vindo a ser tomado a aprovação do não assassinato de Gabriela.

Na transição da República Velha para a Nova República, o autor do romance estabelece *Gabriela* como a parturiente das contradições no contexto da década de 1920, o qual, em escala global aponta para uma nova demanda na força de trabalho. Ainda que as sociedades capitalistas fossem conservadoras em relação à mulher, a partir dessa década, houve um deslocamento das contradições familiares, em que pesa o valor da subsunção do trabalho feminino ao mercado de trabalho.

A emergência de conquistas liberais: trabalho assalariado e voto feminino aparecem na crônica como forças motrizes da transformação urbana e moral de Ilhéus na interiorização que se realiza pela subjetividade feminina no espaço público – a exemplo, a interiorização da personagem Gabriela, na qual houve deveras, inadequação à exclusividade sexual da monogamia, as necessidades do desejo de Gabriela irrompem a moralidade ilheense.

Gabriela rompe a norma enquanto prioriza o relacionamento afetivo por Nacib, sendo destituída a propriedade e pertença de Sra. Saad, sem constrangimentos maiores por parte dela. Por outro, Malvina recusa a herança, vai trabalhar em escritório e estudar a noite. Ambas sem direitos e sem nada, contrapõem-se à ótica masculina. O pai de Malvina renega sua filha, enquanto o árabe – nascido brasileiro, segundo o registro civil – transgride a “lei cruel” por

meio da destituição das obrigações morais para com a ex Sra. Saad.

### **Considerações finais**

Observamos durante o desenvolvimento da pesquisa, contraditórias relações sociais de produção, postas na narrativa amadiana por meio de dois grandes eixos narrativos: um econômico e sócio-político, de desenvolvimento do interior brasileiro, por meio das mudanças do coronelismo local pelas práticas políticas liberais de Mundinho Falcão. De outro, a vida privada das mulheres, as quais configuram a chave narrativa ética e cultural de Ilhéus.

Neste embate, em um contexto mais amplo, observa-se uma reorganização político-social que busca atender as mudanças econômicas da época. Segundo Favoreto (2015, p. 76), o Brasil, a exemplo do que ocorria em diversos países da Europa e da América, nas décadas de 1920 e 1930, viveu um clima de mudança política, econômica e de produção. Fatores que refletiram em crises, entre as quais, a autora pontua a crise da “política café com leite” e da economia cafeeira. Sobre a época, ainda destaca que, no Brasil, houve um crescimento urbano/industrial e da imigração e migração, ao passo que foi marcada “por movimentos sociais que mostram descontentamento com os modelos político e econômico predominantes, dentre os quais se destacam os movimentos tenentistas, a Semana de Arte Moderna e os movimentos dos trabalhadores”. Para a autora, esses acontecimentos, somados a um conjunto de lutas políticas e ideológicas, influenciaram os debates sociais e educacionais da época.

De nossa parte, neste artigo, grifamos que esse movimento na história brasileira, incidiu sobre a educação feminina e sobre o entendimento que se tinha sobre seu campo de trabalho e suas perspectivas de vida pública, colidindo com os costumes das famílias tradicionais de Ilhéus.

Neste sentido, em meio ao movimento da história, em meio ao embate entre o “novo” e o “velho”, vidas privadas foram sendo delineadas. Porém, longe de ser um rompimento definitivo com a ordem anterior, tratava-se de um embate cultural. Desta forma, as forças provincianas buscavam manter as mudanças dentro da ordem hegemônica, entre as quais, buscavam manter as mulheres segregadas à educação do “lar”. Neste caso, aquelas que ousavam rebelar-se, deveriam também enfrentar a força da punição moral, financeira e física.

Assim, na obra, tomamos por objeto a dialética da opressão e resistência no interior da produção de valores materiais e morais de uma sociedade, expressando uma autonomia limitada na subserviência produzida pela cisheteronormitividade e nas transgressões das personagens femininas amadianas.



A obra, parece-nos, evidenciar a corrosão de um modo de vida enraizado em tradições locais para integrar a economia regional em exportação direta, o que implica o desenvolvimento de relações políticas liberais na Ilhéus da década de 1920. Como crítica progressista, Amado mostra que "[...] A paisagem mudara, a inhospita caatinga cedera lugar a terras férteis, verdes pastos, densos bosques a atravessar, rios e regatos, a chuva caindo farta" (AMADO, 2012, p. 75), entretanto, os costumes resistiam, principalmente, aqueles que mantinham a submissão da mulher. Desvelando novas questões acerca da interface e das bases materiais da psique que a constituem, e relacionando tal determinação ideológica biologizante do corpo feminino à produção social da existência no interior da sociedade ilheense. No mesmo sentido, na obra, observa-se a manutenção da concreção de valor da mercadoria, por meio da expropriação da mulher e da exploração do trabalho, inclusive o feminino.

De modo distinto de Gabriela, ainda que análogo na suprassunção do afeto e na preponderância das importâncias afetivas, outras duas personagens femininas transgridem a norma vigente da moralidade. Malvina, fugindo do internato feminino e partindo rumo a São Paulo, e Glória, recusando o desejo do coronel pelos sonetos do professor.

A profunda ambivalência na obra refrata as elucidações plurisemióticas que tentamos evidenciar durante a pesquisa. Aqui buscamos, por meio da pesquisa bibliográfica enriquecer a tessitura de análise, ao evidenciar uma relação dialética entre Gabriela e as demais personagens femininas, relevo orgânico da unidade na obra. Os eixos narrativos evidenciam a organicidade de classe do autor como crítica da concorrência indiferente, por meio do assassinato de Sinhazinha e do surgimento de Gabriela, nos autorizando desse modo, destacar na referida obra, a crítica da alienação moderna.

## Referências

ALVES, Antônio José Lopes. **A individualidade moderna nos Grundrisse**. IN: TOMO IV – Dossiê Marx. Ensaio Ad Hominem nº 1. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 2001.

\_\_\_\_\_. **A individualidade moderna nos Grundrisse de Karl Marx**. Dissertação de mestrado, UFMG – Brasil: 1999.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BENSAÏD, Daniel. **Marx: manual de instruções**. – Boitempo: São Paulo, 2013.

FAVORETO, Aparecida. PIONEIROS DO MARXISMO E DA ESCOLA NOVA NO BRASIL: o lugar da escola no processo histórico. **Cadernos de Pesquisa** 22.2 (2015): 74-87.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e a Revolução: Política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936**. Boitempo Editorial – São Paulo: 2014.

IASI, Mauro. **Olhar o mundo com olhos de mulher?** (À respeito dos homens e a luta feminista). IN: *As ruas: poemas e reflexões pedestres* – São Paulo: ICP, 2014.

KEHL, Maria Rita. **Feminismo, feminilidade e a mínima diferença**. [Texto escrito originalmente em 1992, e recuperado pela autora especialmente para o especial “Dia da mulher, dia da luta feminista”, no Blog da Boitempo. Publicado em 02/03/2015 | acesso em 03/01/2016, às 16h.]

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. – São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. – São Paulo: Boitempo, 2006.

NOBRE, Miriam. **O direito das mulheres a seu corpo**. IN: *Feminismo e luta das Mulheres: análise e debates*. Miriam Nobre; Nalu Faria; Maria Lúcia Silveira. SOF: São Paulo, 2005.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. – São Paulo, Cosac Naify: 2013.

PATRICIO, Rosana Ribeiro. **Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado**. – Salvador: FCJA, 1999.